OUTUBRO | 2020 EDIÇÃO Nº 9

ARTICULAÇÃO

ITINERÁRIOS

HUMANAS

BNCC

Huawei, uma das maiores empresas da China na área de tecnologia, e os aplicativos de origem chinesa Tik-tok e WeChat são nomes que estão marcando presença nos noticiários e, de certa forma, abalando as relações político-econômicas entre China e EUA, que a cada dia estão mais tensas. Junto a esses nomes, as mídias têm retratado os atritos entre esses países como a "Nova Guerra Fria". Para onde será que a nova corrida tecnológica irá nos levar?

Estados Unidos × China: cenários da nova guerra fria

O duelo pela hegemonia global que deixa o mundo apreensivo

Macarena Vidal Liy (Pequim) / Amanda Mars (Washington)

Encontro entre Trump e Xi Jinping no G-20, em 2019.

Um regime autocrático contra uma democracia. Um enorme leque de hostilidades em todos os âmbitos, geográficos e setoriais. Espionagem, propaganda, força militar, símbolos, a história, dizem, se repete; parece ser verdade. A **Guerra Fria do século XX** entre o Kremlin e a Casa Branca ameaça voltar no século XXI, dessa vez entre o antigo vencedor, os EUA, e a nova potência em ascensão, a China. Nas últimas duas semanas, os dois levaram ao paroxismo um frenético baile de disputas, choques, ameaças e sanções, **fechamento de consulados**, acusações de espionagem e vetos de viagens, em que o passo de um foi respondido pelo outro em uma simetria tão perfeita como inquietante. Um perigoso duelo a um ritmo cada vez mais intenso, de duração e final ainda imprevisíveis. E que, seja na hora de escolher a tecnologia 5G, decidir sistemas de defesa e votar resoluções internacionais, ameaça arrastar — como na primeira Guerra Fria — o restante dos países a um e ao outro lado da pista de dança.

Há, entretanto, uma diferença radical em relação à Guerra Fria que se desenvolveu durante a segunda metade do século XX. A antiga URSS nunca foi a potência econômica que é a China, e os dois países à época em disputa não estavam tão interconectados financeira e produtivamente como estão agora as duas maiores economias do mundo. [...]

O calibre das fricções é tal que ninguém mais minimiza sua relevância. As relações "enfrentam seus maiores problemas", desde que os dois países estabeleceram laços diplomáticos plenos em 1979, reconheceu recentemente o ministro das Relações Exteriores chinês, Wang Li. "A relação com a China está muito prejudicada", declarou o presidente norte-americano, Donald Trump. O secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, declarou o fim da política de aproximação, ao clamar que "o mundo livre deve triunfar contra essa tirania".

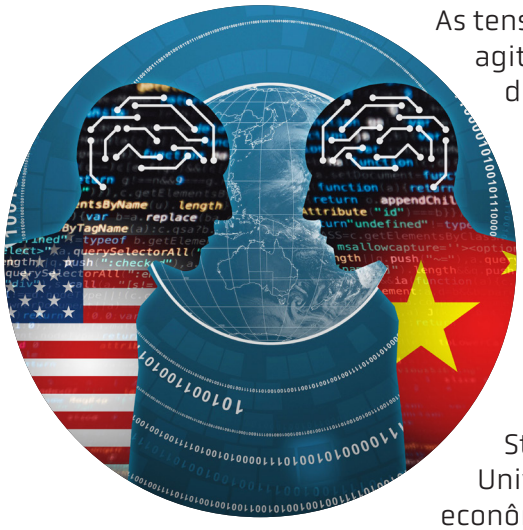
Paradoxalmente, essa grave deterioração ocorre apenas seis meses após **os dois países assinarem em 15 de janeiro** [...] o acordo que deveria acabar com todos os desentendimentos entre eles, a primeira fase de um pacto para colocar um fim na guerra comercial que combatiam desde 2018.

A **pandemia de covid-19** fez esse projeto saltar pelos ares e trouxe novamente à luz as tensões que a assinatura do acordo comercial havia escondido debaixo do tapete. Tensões baseadas em uma enorme desconfiança mútua, de raízes históricas e ideológicas e que as recriminações em torno da origem e da gestão do vírus colocavam de novo em primeiro plano. A rivalidade, ficou claro, é sistêmica e se estende a todas as áreas.

LIY, Macarena Vidal; MARS, Amanda. EUA × China: cenários da nova guerra fria. O duelo pela hegemonia global que deixa o mundo apreensivo. **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-07-27/eua-x-china-cenarios-da-nova-guerra-fria.html>. Acesso em: 13 ago. 2020.

Até onde pode ir a "Guerra Fria" entre China e EUA?

AFP



As tensões aumentam diariamente entre os Estados Unidos e a China, agitando o fantasma de uma nova Guerra Fria. Especialistas veem diferenças históricas importantes, mas acreditam que as duas potências estão entrando em território perigoso.

A administração do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tem se tornado cada vez mais agressiva com relação à China, pressionando outras nações a rejeitar a gigante das telecomunicações Huawei e apoiando sem reservas os rivais de Pequim no Mar da China Meridional.

[...]

Stephen Walt, professor de Relações Internacionais da Universidade de Harvard, disse que as duas maiores potências econômicas do mundo competem a longo prazo por "visões estratégicas incompatíveis", como o desejo da China de dominar a Ásia.

A China vê Trump como um "líder fraco e propenso a erros" e provavelmente acredita que a resposta "desastrosa" dos Estados Unidos à pandemia de coronavírus oferece oportunidades, apontou.

"Parece a Guerra Fria soviético-americana em alguns aspectos, mas ainda não é tão perigosa quanto a rivalidade anterior", disse Walt.

"Uma diferença fundamental é que os dois Estados ainda estão fortemente conectados economicamente, embora esse relacionamento esteja agora sob considerável tensão".

[...]

Oriana Skylar Mastro, professora assistente da Universidade de Georgetown e pesquisadora no American Enterprise Institute, disse que é perigoso falar sobre uma Guerra Fria com a China.

"A situação com a China não se parece com a Guerra Fria", afirmou.

"No lado positivo, temos um amplo compromisso. No lado negativo, há uma possibilidade real de uma guerra quente entre os dois lados em um grau que nunca existiu com a União Soviética".

Imagem de protestos em Hong Kong. Polícia alerta em cartaz: essa manifestação viola a lei. Dispersem ou nós usaremos a força"; julho de 2020.

Ela observou que a comparação com a Guerra Fria leva a respostas ineficazes, incluindo que Washington percebe erroneamente Pequim como uma ameaça ideológica.

Mastro disse que a China tem muitas opções para aliviar as preocupações dos Estados Unidos, como a retirada dos sistemas de armas no Mar da China Meridional.

"Mas Pequim não fará isso, principalmente porque entende mal os propulsores da política americana. Acredita que os Estados Unidos estão respondendo ao seu próprio declínio e os atacará, independentemente de como agirem", sustentou.

Em uma mudança com relação a alguns anos, as empresas americanas, afetadas pelo que consideram um roubo desenfreado de propriedade intelectual, raramente pedem uma desescalada do conflito com a China.

Os Estados Unidos também atacaram Pequim por sua repressão em Hong Kong e a prisão em massa de muçulmanos uigures.

Antes da pandemia de coronavírus, Trump acreditava que poderia manter boas relações comerciais com a China, especialmente depois que Pequim prometeu aumentar as compras de produtos americanos.

Mas os dois lados sabiam que a China não estava em condições de cumprir tudo o que foi acordado com Washington, disse Shi Yinhong, professor de relações internacionais da Universidade Renmin em Pequim.

Shi acredita que as relações vão continuar a se deteriorar.

"A antiga Guerra Fria foi um confronto e competição muito feroz entre duas grandes potências, impulsionadas pela ideologia e estratégia", enfatizou.

Agora, os Estados Unidos e a China estão "se desprendendo" seletivamente, mas rapidamente, observou.

"Usando essa definição, pode-se dizer que a China e os Estados Unidos começaram a entrar em uma nova Guerra Fria", concluiu o analista asiático.

ATÉ ONDE pode ir a "Guerra Fria" entre China e EUA? **IstoÉ**. Disponível em: <https://istoe.com.br/ate-onde-pode-ir-a-guerra-fria-entre-china-e-eua/>. Acesso em: 13 ago. 2020.

A ascensão político-econômica chinesa é algo que tem inquietado o Ocidente, em especial os Estados Unidos, fazendo ressurgir o medo de um desequilíbrio de poder. O vídeo disponível no *QR Code* elenca e explica os principais pontos que têm causado essa tensão mundial: o controle sobre Hong Kong; a corrida tecnológica protagonizada pelas empresas Huawei e Tik Tok; como os uigures (povo de origem turcomena, habitante da Ásia Central) são tratados pela China; e os conflitos territoriais fronteiriços no Oriente.

ftd.li/tt3ah5

DIÁLOGO ABERTO

CONHEÇA A OPINIÃO DE QUEM ESTUDA O ASSUNTO.

O que sustenta e como se expande o conflito comercial entre EUA e China?

Jonathan Portela

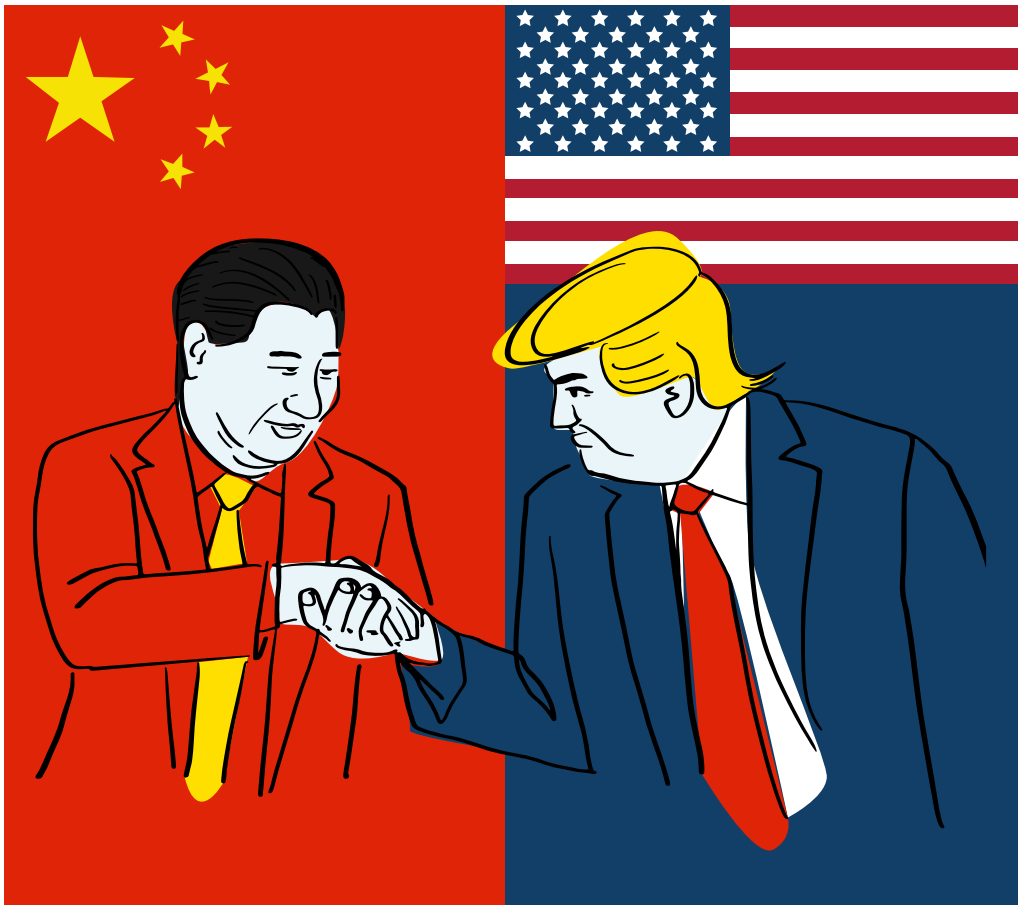
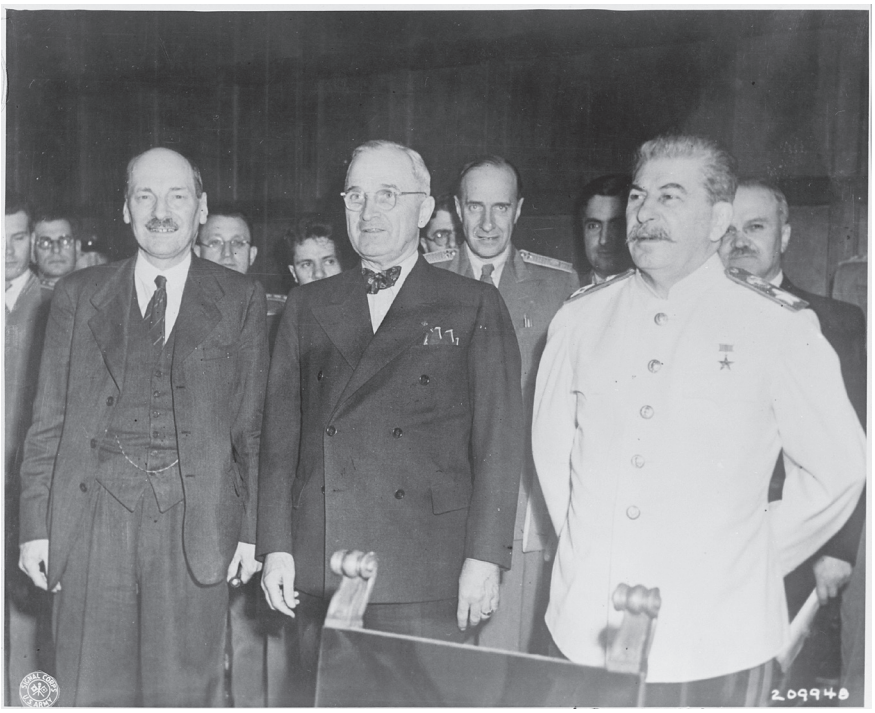


Ilustração de Xi Jinping e Donald Trump juntos. Pequim, 2017.

A crise financeira global de 2007–2008, que teve como um de seus eventos mais importantes a falência do banco estadunidense Lehman Brothers, acarretou um devastador efeito dominó na economia do país e teve consequências em todo o mundo. Era inevitável que toda a configuração de poder que mantinha os americanos como "mandatários" dos rumos financeiros do planeta estava em jogo. Nesse sentido, a transformação mais profunda dessa ordem internacional pode ser vista no acirramento político–econômico entre a China e os Estados Unidos, em um contexto em que o segundo foi obrigado a tratar o primeiro como igual.

Desde então, os meios de comunicação passaram a usar a expressão "Nova Guerra Fria" para tratar dos conflitos político–econômicos entre os dois países. O termo faz referência aos conflitos e tensões entre EUA e União Soviética no período de 1945 a 1991, que ocorreram sem nenhum embate armado direto. Essa alusão é questionada por alguns estudiosos, que argumentam que cada evento histórico é sempre muito particular e complexo e, portanto, a reutilização de nomenclaturas não faz jus às particularidades de cada evento.



Clement Attlee (primeiro-ministro britânico), Harry S. Truman (presidente dos EUA) e Joseph Stalin (ditador soviético) na Conferência de Potsdam, 1945.

Contudo, o contexto da Guerra Fria é essencial para compreendermos o problemático relacionamento sino-americano. Em 1949 a China proclamou-se como República Popular da China, anunciando-se para o mundo politicamente bipolarizado como uma nação comunista, confrontando os EUA, a maior potência capitalista do período. Desde então, as relações entre esses países foram conturbadas, até que, em 1999, o presidente Bill Clinton promoveu uma aproximação mais amigável entre os países, ao acordar a entrada da China na OMC (Organização Mundial do Comércio). Tal ação alavancou a economia chinesa (que foi de 7ª para 2ª maior economia mundial, atrás apenas dos Estados Unidos), uniu comercialmente os dois países e, ao mesmo tempo, os tornou concorrentes.

Agora, com as eleições presidenciais estadunidenses se aproximando (previstas para novembro de 2020), é comum que as questões relacionadas a esse complexo relacionamento voltem a ganhar proporções bélicas nos noticiários. Desde as últimas eleições presidenciais dos EUA, em 2016, que elegeram o empresário Donald Trump, uma nova fase nas relações exteriores foi inaugurada, sobretudo com seu maior adversário (e também parceiro) comercial, a China.

Ainda na campanha eleitoral de 2016, antes mesmo de vencer o pleito, Trump já dava o tom de como ele conduziria a relação dos Estados Unidos com a China. Em um de seus animados discursos na cidade de Tampa, na Flórida, Trump disse que, se eleito, iria instruir o representante de comércio dos EUA a abrir processos contra a China. Em um outro comício, desta vez em Fort Wayne, no Estado de Indiana, Trump declarou: "Não podemos continuar permitindo que a China estupre nosso país, e é isso que eles estão fazendo", referindo-se ao alto número de exportações da China em relação aos EUA. Ainda acusou repetidamente a China de manipular o valor de sua moeda para tornar suas exportações mais competitivas no mercado global e afirmou que, assim, os chineses estavam "matando" os EUA na área comercial.

Com Trump na presidência desde 2017, foi possível acompanhar o desenrolar desses discursos. No final de seu primeiro ano de mandato, o governo estadunidense divulgou um relatório da NSS (National Security Strategy — Estratégia de Segurança Nacional), que anunciava que os Estados Unidos estavam entrando em uma nova era de grande competição pela hegemonia do poder político-econômico em nível mundial. O relatório rotulava a China como uma "competidora estratégica" que visava "moldar um mundo contrário aos valores e interesses dos EUA". Nesse sentido, com uma grande dose de sentimentalismo nacionalista, Trump fez da promessa de sobretaxação de produtos chineses um elemento constante em seus comícios (quando candidato) e em suas entrevistas (quando já eleito), vendendo a ideia de que o nacionalismo estadunidense estava diretamente ligado a um sentimento "antichinês".

O ultranacionalismo e o anticomunismo

Cartaz com desenho de Trump faz sátira ao seu ditado "Tornar a América grandiosa novamente", dizendo: "Faça a América ter medo de novo"..

Existe um ponto muito sensível e primordial para entendermos a relação entre esses países: o ultranacionalismo estadunidense. O tradicional do imaginário político dos EUA sempre defendeu os ideais de livre mercado, mas, agora, com Donald Trump, até mesmo o discurso ideológico estadunidense foi substituído pela retórica protecionista, que facilita a disseminação da ideia de que, ao impedir o crescimento de um mercado estrangeiro dentro do país, você está "defendendo a soberania nacional".

Tal estratégia não é novidade; em momentos de crise, muitos governos encontraram no nacionalismo e na retomada de discursos conservadores um meio de conter insatisfações e, supostamente, de encontrar soluções — líderes estadistas, como Aleksandr Lukashenko (presidente da Bielorrússia e que ocupa o cargo desde 1994) e Viktor Orbán (desde 2010 primeiro-ministro da Hungria), são exemplos dessa tendência na qual o presidente estadunidense embarcou.

Caricatura de 1919 representando o medo vermelho (simbolizado por anarquistas, comunistas, socialistas e qualquer posicionamento de esquerda). Nela, um comunista, carregando a chama do anarquismo, rasteja sob a bandeira dos EUA, ameaçando seus ideais.

Compondo esse imaginário ultranacionalista e que corrobora a política do medo está o anticomunismo (movimento político ideológico de oposição às ideias e às formas políticas comunistas, muito alimentado durante a Guerra Fria, principalmente nos EUA). Esse item tem sido um elemento de unificação da extrema-direita revisionista — que busca reinterpretar ideologicamente a História, de modo a manipular a leitura sobre o passado para legitimar posições políticas do presente — que ganhou força em vários países, inclusive no Brasil. Ele se associa a uma enorme suspeita de estrangeiros e a discursos com tons de paranoia, que visam atribuir o título de "comunista" aos grupos políticos opositores, visando atacá-los e enfraquecê-los valendo-se da xenofobia e do anticomunismo.

A tática é antiga. Em 1919, a paranoia anticomunista era usada pela primeira vez pelo então presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson. Ele instalou uma campanha denominada ***Red Scare*** (medo vermelho) que, entre outras coisas, expulsou parlamentares socialistas da Assembleia do Estado de Nova York, promoveu repressão às comemorações de trabalhadores no Primeiro de Maio, associou os pensamentos de esquerda ao anticristianismo e impulsionou diversos ataques racistas no país. Já no período pós-guerra, o tom anticomunista foi a máxima de todos os presidentes que passaram pela Casa Branca até o colapso da URSS e o fim da Guerra Fria, até que Donald Trump reacendeu a questão, estimulando o conflito do "nós × eles" para obter apoio de setores importantes do eleitorado como a classe média, os cristãos e os empresários.

O discurso anticomunista de Trump e de outros políticos ganhou força no cenário mundial e, com isso, o embate sino-americano que se dava apenas no campo comercial ganhou pompas de guerra ideológica, já que a China é governada, desde 1949, pelo Partido Comunista, elemento que alude às tensões do período da Guerra Fria.

A pandemia causada pela covid-19 foi palco para a intensificação do discurso "anti-China". Tanto Trump quanto aos meios de comunicação que o apoiam ideologicamente buscaram emplacar o coronavírus como um "vírus chinês", responsabilizando o país pela doença. A eficiência desse discurso encabeçado por Trump é evidenciada em outros países, como o Brasil, que, mesmo tendo a China como um grande parceiro comercial, passou a replicar, por meio de alguns de seus dirigentes, altos funcionários ou políticos alinhados ao governo, a narrativa que propaga a pandemia como uma estratégia do governo comunista chinês para enfraquecer Donald Trump e, assim, conquistar soberania comercial no planeta.

Manifestação em São Paulo comemorando a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais, 2018. Ele e seus apoiadores mostram-se alinhados à política dos EUA.

O caso "Taiwan"

Um episódio recente e simbólico que demonstra que as tensões entre China e Estados Unidos vão além da disputa comercial foi a visita de Alex Azar, secretário de Saúde e Serviços Humanos dos EUA, a Taiwan.

O território taiwanês já foi domínio colonial da China e depois serviu de refúgio para os **nacionalistas** liderados pelo General Chiang Kai-Shek quando, em 1949, estes foram derrotados por Mao Tsé-Tung e o exército **comunista**, durante a Revolução Chinesa. Kai-Shek proclamou a ilha de Taiwan como nova sede administrativa do governo da República da China, considerando-se legítimos representantes da nação chinesa, rivalizando com o restante do continente conhecido como República Popular da China. Ambos reivindicam formalmente representar toda a China.

Mesmo com a abertura democrática em 1977 e com a abolição da lei marcial, que autorizou o funcionamento de partidos políticos, Washington cortou relações diplomáticas formais com Taiwan em 1979. Dessa forma, os EUA reconheceram Pequim como único representante da China, tornando-se, por consequência, importantes parceiros comerciais. Ainda que o governo estadunidense venda suprimentos militares para Taiwan e pressione pela sua inclusão em órgãos da ONU, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), nenhuma visita oficial era feita à ilha desde o rompimento de relações.

Ao anunciar a visita de Azar a Taiwan, os EUA, além de quebrarem uma tradição diplomática de mais de 40 anos, colocaram em questão quem os EUA reconhecem como autoridade nesse território, algo que pode abalar as relações diplomáticas entre estadunidenses e chineses. A China, por sua vez, ameaçou tomar medidas em reação à viagem.

Alex Azar, secretário de Saúde e Serviços Humanos dos EUA, em seu encontro com Chen Shih-chung, ministro da Saúde e Bem-estar de Taiwan, Taipei, 2020.

A guerra tecnológica

Assim como na Guerra Fria, uma corrida tecnológica também é pano de fundo para as tensões entre China e EUA. E, apesar da reedição da corrida espacial (que antes era à Lua, agora é a Marte), a competição que realmente tem acirrado o duelo entre os dois países e agitado o jogo de xadrez político é a jornada ao 5G.

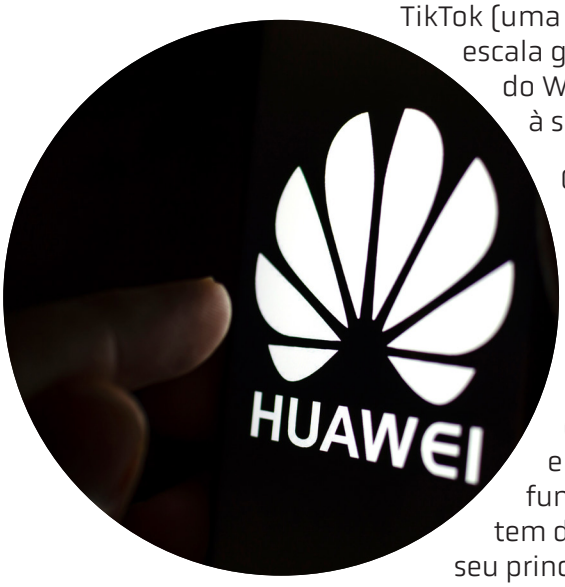
A nova geração da internet, que promete funcionar com velocidade de até 100 vezes maior do que a atual, é aguardada com muita ansiedade e expectativa pelo mercado, pois ela permite múltiplas possibilidades como carros autônomos e sistemas de segurança inteligentes interconectados. O massivo investimento em infraestrutura de suporte à tecnologia já começou. Os Estados Unidos formaram uma estrutura e iniciaram os testes da quinta geração de internet móvel, porém ainda estão muito longe dos chineses.

Desde meados de 2019, a China surpreendeu o mundo ao aprovar o uso comercial da tecnologia 5G, inaugurando cerca de 126 mil estações base de rede 5G em seu território, dando um grande passo para levar o sinal a todas as cidades do país. A realidade é que nenhuma empresa do mundo tem o domínio dessa tecnologia como a Huawei, conhecida pelos aparelhos celulares, e que tem protagonizado os noticiários simbolizando a disputa internacional entre EUA e China, seu país de origem.

A empresa tem vendido milhares de aparelhos 5G para diversos países, algo que alertou o mercado estadunidense e a Donald Trump, que tem acusado que a Huawei estaria usando sua tecnologia para armazenar dados (inclusive de segurança) e que tais informações poderiam ser repassadas ao governo comunista chinês. Segundo a acusação de Trump, a Huawei representa um grave risco à segurança global ao praticar espionagem cibernética e, por conta disso, tornou-se um ativista contra a empresa, prometendo retirar todos os equipamentos da gigante chinesa do país até 2027.

Alinhado politicamente com Trump e peça importante no jogo político internacional, o primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, proibiu que operadoras de telecomunicações do país adquirissem tecnologia 5G da Huawei a partir de 2021. Em resposta, a porta-voz do ministério das relações internacionais da China, Hua Chunying, disse que o mundo é grande e o Reino Unido seria apenas uma pequena parte dele, assim, mesmo com esses embargos, a Huawei prospera. No Brasil, a situação da empresa chinesa segue indefinida, mas o embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Todd Chapman, declarou ao jornal **O Globo**, em julho deste ano, que o país pode sofrer consequências econômicas negativas caso decida manter a Huawei no leilão do 5G, que deve acontecer em 2021.

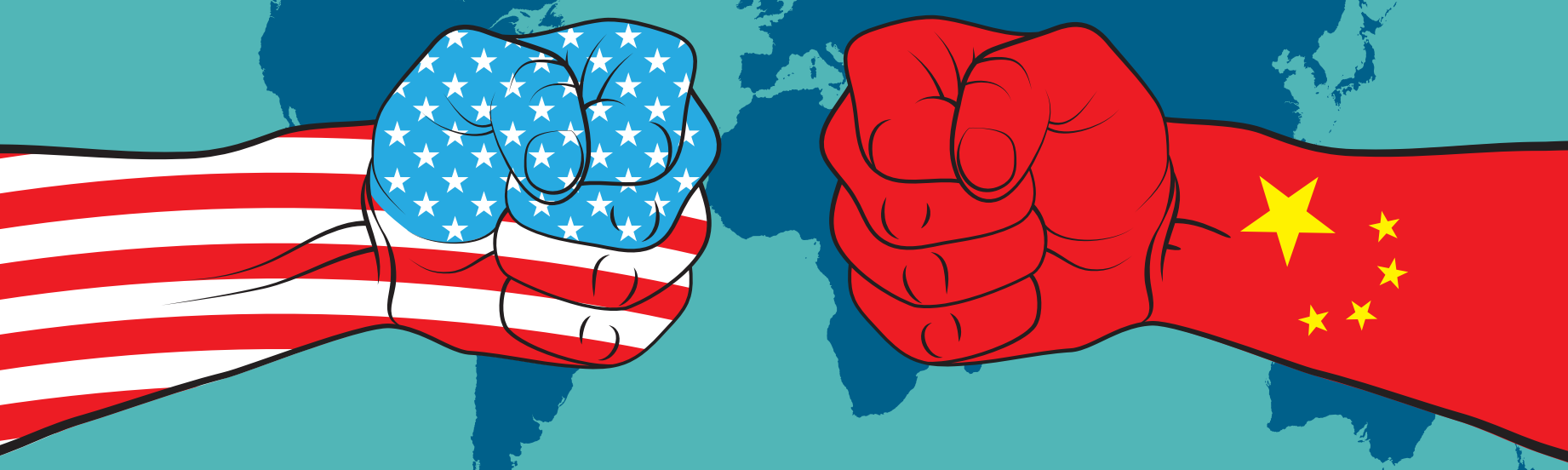
A corrida tecnológica entre americanos e chineses (e que claramente tem sido vencida pelo segundo grupo) ganhou novos elementos de bloqueio e sanções por parte do governo estadunidense, quando Donald Trump assinou, em agosto de 2020, uma ordem executiva determinando o fim das relações do país com as empresas responsáveis pelos aplicativos TikTok (uma plataforma de vídeos curtos que se popularizou em escala global) e WeChat (plataforma de mensagens concorrente do Whatsapp). Os motivos? Os mesmos apresentados à situação da Huawei.

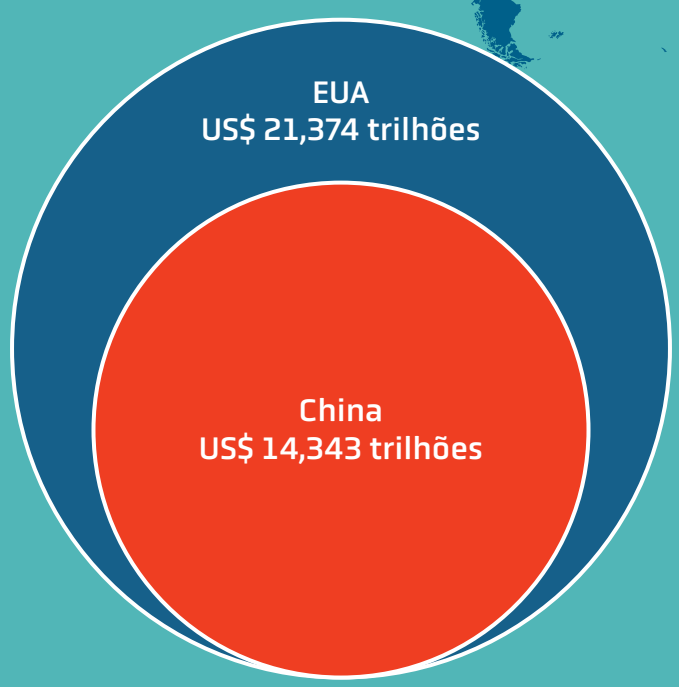


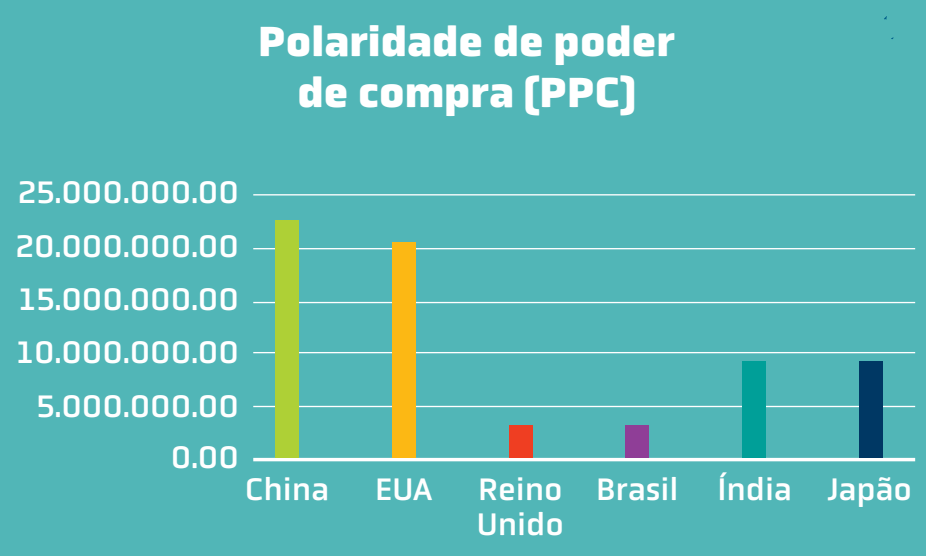
Os decretos alegam que os aplicativos oferecem um perigo à segurança nacional, podendo coletar dados pessoais e os armazenando em servidores para acesso do Partido Comunista Chinês. Ainda que as empresas citadas neguem essa prática e que não existam provas de que o governo da China tem acesso (e usa) os dados de seus usuários, a narrativa de Trump com o intuito de desenvolver uma política de medo com relação à China e atrair mais simpatia do eleitorado estadunidense tem funcionado, visto que nas últimas pesquisas o seu nome tem disparado em detrimento ao do democrata Joe Biden, seu principal concorrente na eleições de novembro próximo.

Jonathan Portela é historiador e doutorando na área de História Social pela Unicamp. Possui bacharelado e licenciatura (2014) e mestrado (2018) pela Universidade Federal de São Paulo. Atualmente é apresentador do programa "Nota de Rodapé", ***talk show*** exibido pela rádio Antena Zero, que traz pesquisadores do mundo das ciências humanas para discutir e debater temas ligados à História, Sociologia, Filosofia, Relações Internacionais, entre outros. Pesquisador sobre a circulação de ideias políticas na África do Sul, entre as décadas de 1930 e 1940, com foco em grupos nazistas.

Guerra comercial: China X EUA







Ação e reação:

China	EUA
1. Aprimoramento da indústria inspirada no modelo industrial alemão 4.0.	1. Iniciativa vista como ameaça à liderança tecnológica dos EUA.
2. Desenvolvimento estratégico em conectividade e cooperação com a Eurásia.	2. Encarada como ação intimidadora, em razão do crescimento das relações internacionais chinesas.

Organização Mundial do Comércio como alternativa à guerra comercial?

- A OMC serve como órgão regulador de regras e negociações promovendo soluções para questões comerciais.
- Durante o governo Obama, os EUA abriram 26 casos na OMC (sendo 16 contra a China). Todos foram ganhos.
- O Fundo Monetário Internacional (FMI) alertou Trump de que uma possível guerra comercial custaria cerca de US$430 bilhões ao PIB mundial.

Brasil e China possuem relações diplomáticas desde o século XIX, contudo esse envolvimento ganhou força a partir da década de 1990. Nesse período, a nação asiática teve grande crescimento econômico, tirando cerca de 150 milhões de pessoas da pobreza, além de obter um crescimento anual do PIB de 11,2%. Mas foi em 2009 que os dois países deram um grande passo na história desse relacionamento. Após atingir o volume de US$ 3,2 bilhões em transações, de importação e exportação (representando um aumento de quase 12 vezes, desde 2001), a China superou a primazia de 80 anos dos EUA, tornando-se a maior parceira comercial do Brasil, posto que ocupa até hoje — em 2019, 27,8% das exportações nacionais foram destinadas à China, sendo o saldo comercial dessa relação de US$ 21,4 bilhões.

IC MIS PC EMP

> Investigação científica

> Mediação e intervenção sociocultural

O acesso ao 5G

Vamos tentar situar o Brasil neste conflito entre China e EUA, buscando entender melhor como economia e política se relacionam.

Apesar de o Brasil ter excelente relacionamento comercial com a China e, logo, ver um cenário vantajoso na implementação do 5G pela empresa chinesa Huawei, o governo brasileiro hoje é alinhado politicamente ao presidente estadunidense Donald Trump. Por conta disto, o leilão da rede 5G, previsto para 2021, deverá excluir a empresa chinesa, ainda que a sua superioridade tecnológica seja reconhecida.

Enquanto a ala de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro defende o afastamento do Brasil em relação à China, inclusive no âmbito econômico, muitos especialistas afirmam que esse posicionamento causará muitos danos comerciais ao país e nos colocará em grande desvantagem na corrida científica e tecnológica pela qual o mundo passa.

Usando periódicos, portais de notícia e revistas especializadas na internet, identifique quais países já se alinharam à China no que diz respeito ao recebimento do sinal 5G, considerando que ela está mais adiantada no desenvolvimento da tecnologia, e quais são os países que, por pressão dos EUA, vetaram a parceria. Pesquise também qual é a estimativa de tempo para outras companhias, como a Ericsson, da Suécia, e a Nokia, da Finlândia, se igualarem ou superarem a Huawei. Nesse sentido, reflita sobre como o Brasil pode ser afetado positivamente e/ou negativamente ao manter essa aproximação político-ideológica com os EUA, afastando-se de suas relações comerciais com a China.

Após as reflexões individuais, reúna-se com a turma para compartilhamento das ideias acerca do tema e, embasados na pesquisa, exponham suas considerações posicionando-se. Após todos se posicionarem, dividam-se em grupos e façam um levantamento sobre os diferentes tipos de opiniões e de argumentos e, com base nesses dados, elaborem um infográfico.

TRABALHANDO A DISTÂNCIA

A atividade foi pensada para ser feita fora da sala de aula, se a escola estiver fechada por precaução quanto à covid-19. Podem ser usados dispositivos tecnológicos para as discussões em grupo, planilhas e editores de texto compartilhados, aplicativos de mensagens de texto, redes sociais, entre outros.

SUGESTÕES DE TRABALHO

POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO

A atividade visa proporcionar uma experiência de pesquisa ao aluno, uma vez que ele deverá trabalhar com um método de confrontamento de informações, fontes, dados etc. É importante que a atividade seja guiada e orientada pelo professor, garantindo uma trajetória de pesquisa direcionada aos veículos de informação mais confiáveis e com comprometimento científico.

Em um plano reflexivo, esse exercício deve cooperar na formação de senso crítico do aluno. Nesse sentido, o atrelamento da pesquisa ao compartilhamento de ideias com os colegas visará refinar o poder de articulação de conceitos políticos aos econômicos, estabelecendo conexões entre eles. Também viabiliza ao aluno trazer para um universo mais particular as consequências de um acontecimento de nível macro, avaliando como ele pode ser atingido pelo embate político-comercial entre EUA e China.

Na BNCC:

- (EMIFCG01)
- (EMIFCG02)
- (EMIFCG07)
- (EMIFCG08)
- (EMIFCHSA01)
- (EMIFCHSA03)
- (EMIFCHSA07)

Conteúdos abordados:

- China
- Estados Unidos
- Geopolítica
- Relações internacionais
- Economia

Da informação à reflexão: dados e fontes em Ciências Humanas

Neste ciclo 2020, **Articulação Itinerários CHSA** aborda temas que se relacionam à utilização de fontes e dados nas Ciências Humanas, explorando as formas e a importância da coleta e da produção de dados e informações para a apreensão de fenômenos sociais, a construção de conceitos, a definição de políticas públicas e o avanço da ciência.

OUTUBRO | 2020 EDIÇÃO Nº 9

Diretor de conteúdo e negócios
Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor adjunto
Cayube Galas

Gerente editorial
Júlio Ibrahim

Gerente de produção e *design*
Letícia Mendes de Souza

Editora
Cláudia Pedro Winterstein

Editora assistente
Thais Alves de Souza

Coordenador de eficiência e *analytics*
Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de preparação e revisão
Adriana Soares de Souza

Preparação e revisão
Equipe FTD

Coordenadora de imagem e texto
Marcia Berne

Pesquisa de Iconografia
Equipe FTD

Coordenadora de criação
Daniela Máximo

Supervisor de produção e arte
Fabiano dos Santos Mariano

Projeto gráfico
Bruno Attilli

Editora de arte
Giulia Crema Sposito

Créditos das imagens:
p.1. Alberto Grosescu / Alamy / Fotoarena; p.2. Erin Schaff/The New York Times/Fotoarena,
William Potter/Shutterstock.com; p.3. KaimDH/Shutterstock.com; p.4. Jayne Russell / Alamy/Fotoarena, rawf8/Shutterstock.com;
p.5. DODOMO/Shutterstock.com; p.6. National Archives and Records Administration. Office of Presidential Libraries. Harry S. Truman Library.;
p.7. Eden Breitz/Alamy/Fotoarena, Granger / Fotoarena; p.8. Alf Ribeiro/Shutterstock.com; p.9. Pei Chen/POOL/AFP;
p.10. Ivan Marc/Shutterstock.com; p.11. Ascannio/Shutterstock.com, Acervo pessoal;
p.12. Tomasz Makowski/Shutterstock.com, TarikVision/Shutterstock.com